FUNDAMENTOS ESSENCIAIS DA TEORIA MARXISTA E SEUS REFLEXOS NA DEMOCRACIA SEGUNDO LENINE

Affonso Urbano Thiesen

Que é que constitui os fundamentos essenciais da teoria marxista nas obras de Lenine? Que é aquilo que, presente, afirma e, ausente, nega a teoria marxista?

Ocupando-se com a exposição dos traços essenciais do Marxismo, Lenine discorda de quem os restrinja à luta de classes. Ouçamo-lo:

"O essencial da doutrina de Marx é a luta de classes. É o que se diz e se escreve com muita frequência. Mas isto é inexato. E, desta inexatidão resultam comumente deformações oportunistas do Marxismo, falsificações que tendem a torná-lo aceitável para a burguesia. Porque a doutrina da luta de classes foi criada não por Marx, *mas*, pela burguesia antes de Marx; e ela é, de um modo geral, *aceitável* para a burguesia.

"*Unicamente* por reconhecer a luta de classes não se é marxista; pode ser que não se tenha saído ainda do quadro do pensamento burguês e da política burguesa. Limitar o Marxismo à doutrina da luta de classes é truncá-lo, deformá-lo, reduzi-lo ao que é aceitável para a burguesia.

"Só é um marxista aquele que *estende* o reconhecimento da luta de classes até ao reconhecimento da ditadura do proletariado" (25,424 — Vit, 43).

No que se refere às partes essenciais do Marxismo, Lenine disse:

"A religião é o ópio do povo. Esta máxima de Marx constitui a pedra angular de toda a concepção marxista na questão religiosa. O Marxismo considera sempre que todas as religiões e igrejas modernas, todas e cada uma das organizações religiosas, são órgãos da reação burguesa destinados

a defender a exploração e a embrutecer a classe operária." 15,371 ss).

O texto de S. Paulo (2 Tess 3,10) "Quem não quer trabalhar também não deve comer" é, com respeito a todo o socialismo, a "regra fundamental, de tôdas a primeira e a mais importante que pode e há de ser posta em prática pelos sovietes dos deputados dos trabalhadores assim que se tiverem tornado poder estatal" (cfr. 26,85), "a idéia fundamental do socialismo, a fonte inesgotável da força e o penhor indestrutível da vitória final dêle" (27,356).

Resolvendo ao menos parcialmente o problema que formulamos, dando resposta direta, Lenine disse: "Nossa doutrina... não é dogma, senão instrução para o agir". Nesta frase acentua-se com admirável vigor e expressividade o lado não raro negligenciado do Marxismo. Com "negligenciá-lo faz-se do Marxismo uma doutrina unilateral, deformada, morta, separando-lhe a alma viva, sepultando-se-lhe a base teórica fundamental — a dialética, a doutrina do desenvolvimento histórico onímoto e contraditório" (17,20). A alma do Marxismo — a dialética — não poderá ficar ausente dêle. A dialética revela-se nos escritos de Lenine como um dos fundamentos essenciais da teoria marxista.

Como esta alma não consente em ser separada do Marxismo, insinua-se: Há um corpo ao qual a alma, a dialética, está unida. Há isto? Que é?

Ouçamos a resposta sugerida em *Fundamentos da Filosofia Marxista*: "O ponto de partida do Materialismo Dialético é o reconhecimento da existência objetiva da natureza — da matéria em eterno movimento e em eterna evolução". (*Grundlagen der Marxistischen Philosophie*, Dietz Verlag, Berlin 1964, 79 — Nach d. 2. ... russ. Ausg. *Osnovy Marksistskoj Filosofii*, Autorenkollektiv F. W. Konstantinow — Leiter). A matéria é o corpo buscado para a alma do Marxismo. Estamos, pois, diante do outro fundamento essencial da teoria marxista. Haverá terceiro fundamento essencial?

Se, aprofundando-o e desenvolvendo-o, Marx consumou, rematou e coroou o materialismo filosófico cujo conhecimento da natureza (matéria) tornou extensivo ao da sociedade

humana (cfr. 19,5), compreende-se que o Materialismo Histórico é construção levantada sobre os dois fundamentos essenciais da teoria marxista. Semelhante ponderação pode fazer-se a respeito da economia. Basta, pois, examinar o materialismo e a dialética, e teremos o estudo dos fundamentos essenciais da teoria marxista. Pelo que também fica traçado o itinerário do nosso trabalho:

I — O Materialismo Dialético

II — A Dialética Materialista

III — Os reflexos na Democracia.

I — O Materialismo Dialético

Bem ficará iniciemos êste ponto interrogando: Que é a matéria? Lenine dá-nos a resposta:

"A matéria é a categoria filosófica que designa a realidade objetiva, dada ao homem nas sensações pelas quais ela é copiada, fotografada, refletida, existindo independentemente delas" (14,117)). Não me demorarei em expor tôdas as qualidades e leis da matéria, da natureza. Limito-me ao ponto de partida do Materialismo Dialético, e mais particularmente exporei e tentarei aplicar ao dito ponto de partida a lei ou o princípio da "conexão universal dos fenômenos" (*Fundamentos do Marxismo-Leninismo*, O. V. Kuucinen, Iu. A. Arbatov... trad. do original russo *Osnovy Marxizma-Leninizma*, Moscou 1959, de Jacob Gorender e Mário Alves, Rio de Janeiro 1962, p. 58).

"A natureza constitui um todo único, cujas partes estão, de um modo ou de outro, ligadas entre si. Nessa interconexão universal, qualquer fenômeno, sendo efeito de uma causa qualquer, surge em outra conexão como causa, que gera novos efeitos" (FML, 61). Sublinho dêste passo: Fenômeno, efeito, causa, natureza, i. é, matéria que é um todo constituído de partes.

Encontram-se em *Fundamentos do Marxismo-Leninismo* as seguintes proposições: "O mundo que circunda o homem

apresenta um quadro onde há fenômenos extraordinariamente variados. As observações mais simples demonstram que esses fenômenos possuem ligações determinadas, mais ou menos estáveis, entre si. Revela-se no mundo determinada constância, certa regularidade" (FML, 58).

Após ilustrar a tese acima, o grupo-autor reporta-se à remota antiguidade em que os homens principiaram a compreender a ação recíproca dos fenômenos e das coisas do mundo circundante. Os ditos autores mencionam que a compreensão de ação recíproca foi perturbada pelas superstições religiosas que admitem forças sobrenaturais, deuses etc. Declaram que não há nem pode haver milagres nem acontecimentos sobrenaturais e que no mundo existe apenas a conexão natural das coisas e fenômenos.

Passando a descrever a "relação de causa e efeito", o grupo-autor diz: "A forma de conexão mais conhecida, encontrada sempre e por toda parte, é a relação de causa e efeito (ou causal)" (FML, 58). Causa é aquilo "que provocou sua existência. E o fenômeno produzido denomina-se ação ou efeito. Por exemplo, o vento é a causa do movimento do iate a vela" (FML, 59).

Descrita a sucessão no tempo entre causa e efeito, o grupo-autor ensina: "O efeito é necessariamente vinculado à causa. Se existe a causa, obrigatoriamente surge o efeito, com a condição, é certo, de que nada o impeça. Se apertamos o gatilho de um fuzil carregado, deve ocorrer obrigatoriamente o disparo..." (FML, 59).

Continua o grupo-autor: "Para que a causa provoque o efeito, sempre são necessárias algumas condições": fenômenos necessários para a ocorrência de determinado acontecimento, p. ex., a existência da pista, a ausência de nevoeiro e de outros obstáculos, que condicionam a decolagem do avião, sem para isso serem suficientes por si mesmas.

Dizendo ser fácil confundir a causa com o *motivo*, o grupo-autor fala do ensejo, da ocasião (o Alemão traduz *Anlass* cfr. *Grundlagen des Marxismus-Leninismus*, Dietz Verlag, Berlin 1963, 69 — o Inglês traz *occasion* in *Fundamentals of Marxism-Leninism*, second revised edition, Moscow 1963, 63). Os

tradutores brasileiros empregam a palavra *motivo* (FML, 59), para verter *occasion*. Nisto são imitados pelo tradutor mexicano (*Manual de Marxismo-Leninismo*, Editorial Grijalbo, S. A. México 1960, 67). A ilustração que apresentam é: "O motivo da Primeira Guerra Mundial foi o assassinato do arquiduque austríaco Francisco Ferdinando em Sarajevo. Mas, como se sabe, sua causa não foi esse assassinato, e sim a rivalidade crescente entre as potências imperialistas" (FML, 59). O ensejo, a ocasião por si mesmo não pode gerar determinado fenômeno, mas desempenha o papel de impulso para que entrem em ação as causas propriamente ditas (FML, 59).

Passando a expor a "concepção idealista da causalidade", o grupo-autor assim escreve: "A conexão causal tem caráter universal, estende-se a todos os fenômenos da natureza e da sociedade, simples e complexos, estudados ou não pela ciência. Não há nem pode haver fenômenos sem causa... O desconhecimento da causa real dos fenômenos não só priva o homem da possibilidade de provocá-los conscientemente ou de evitá-los, como também propicia o aparecimento de concepções anticientíficas e fantasiosas, de superstições, de interpretações místicas e religiosas da natureza.

"Eis porque o problema da causalidade constitui, há muito tempo, objeto de uma aguda luta entre o materialismo e o idealismo. Os filósofos idealistas, freqüentemente, ou negavam em geral o caráter objetivo da conexão causal, ou não viam sua fonte na natureza e sim em algum princípio espiritual" (FML, 60).

Prosseguindo na exposição, o grupo-autor nomeia D. Hume, E. Kant e L. Wittgenstein.

O filósofo, mesmo o escolástico, pode concordar em princípio com o conceito de causa, efeito, condição e ocasião acima explicados. O filósofo diverge apenas, quando o grupo autor sem lhes ter provado a impossibilidade, exclui o "princípio espiritual", ou as "interpretações religiosas da natureza". Além disso o filósofo pergunta: É o mundo mesmo fenômeno ou efeito? Que é o mundo, enquanto se distingue dos fenômenos admitidos pelos marxistas? É este mundo independente das leis ou sujeito ao princípio de causalidade, à teoria da cau-

salidade? Se as partes estão ligadas entre si pelos nexos de causalidade, porque o não estaria o todo? Porventura independe o todo das partes ou é de diversa e melhor condição do que elas que o constituem? Que forra o mundo, a natureza, a matéria à teoria da causalidade?

II — A Dialética Materialista

A dialética já se nos deparou como a alma do Marxismo. Passemos já a investigar-lhe a natureza, a essência. A natureza ou a essência da dialética é assim definida por Lenine:

"A divisão dum todo e o conhecimento das suas partes contraditórias" (36, 324 e 38, 357 — *Sôbre o Problema da Dialética*).

"A identidade dos contrários (talvez seja mais correto dizer sua unidade — embora a diferença entre os termos identidade e unidade não seja neste passo acentuadamente essencial. Em certo sentido ambos são corretos) é o reconhecimento (revelação) das tendências contraditórias que se opõem e se excluem reciprocamente de *todos* os fenômenos e processos da natureza (inclusive do espírito e da sociedade). Condição para conhecer todos os processos do mundo no seu 'automovimento', desenvolvimento espontâneo e vida, é o conhecimento dos ditos como unidade de contrários. O desenvolvimento é a 'luta' dos contrários. As duas concepções fundamentais (ou as duas possíveis? ou as duas que se devem observar na História?) do desenvolvimento (evolução): o desenvolvimento como aumento e diminuição, como repetição, e o desenvolvimento como unidade de contrários (a divisão da sua unidade em contrários que se relacionam e excluem mútua e reciprocamente).

"Na primeira concepção o *automovimento*, a sua força impulsora, a sua fonte, o seu motivo permanecem obscuros (ou a sua fonte se desloca *para fora* — Deus, sujeito etc.). Na segunda concepção dirige-se particular atenção precisamente sôbre o conhecimento da fonte do *automovimento*.

"A primeira concepção é morta, incolor, sêca. A segunda, viva. Só esta proporciona a chave para o 'automovimento' de tudo quanto existe: para os 'saltos', a 'ruptura de continuidade', a 'transformação no contrário', a destruição do velho e a origem do nôvo" (38,358).

No trabalho *Sôbre o Problema da Dialética* que vimos apresentando, Lenine declina o nome de Marx a analisar a sociedade burguesa nos seus contrários. Em cada proposição — as fôlhas da árvore são verdes, João é homem, Jutchka é cão — há, "no dizer genial de Hegel", dialética: Indivíduos são universais. Nêste contexto Lenine invoca Aristóteles a ensinar a impossibilidade de pensar que afora as casas visíveis exista alguma casa — a casa universal. Destarte os contrastes são idênticos: o individual opõe-se ao universal. O individual só existe no conjunto que leva ao universal. O universal só existe no individual e através dêle. Todo individual é duma ou doutra forma universal. Todo universal é (fragmento, aspecto ou essência) do individual. Todo universal só abarca aproximativamente a totalidade dos objetos individuais. Todo individual entra de forma incompleta no universal, etc. Todo individual está vinculado por milhares de transições com outra *espécie* de indivíduos (coisas, fenômenos, processos etc.). Já nisto temos os elementos, os germes, os conceitos de *necessidade*, de conexão objetiva na natureza, etc. Temos o contingente e o necessário, o fenômeno e a essência, porque em dizendo esta fôlha é verde, João é homem, Jutchka é cão, deixamos de lado uma série de atributos contingentes: separamos e opomos a essência e a aparência.

Em tôda proposição podemos e devemos perceber como que o núcleo, a célula, todos os germes e elementos da dialética, e, assim, provar que ela é uma propriedade de todo o conhecimento humano em geral. A História Natural mostramos a natureza objetiva com as mesmas qualidades — transformação do individual no universal, do contingente no necessário, as transições, os transbordamentos, a vinculação recíproca dos contrários. "A dialética é a Gnosiologia (de Hegel e) do Marxismo". (36, 326).

Atentando para a relação dos contrários que acabamos de estudar, pergunta-se: Nega Lenine a Lógica de Aristóteles e os princípios que ela traz? A resposta é negativa. Coerente com esta resposta, Lenine emprega a Lógica de Aristóteles, mas exagera, dizendo que o “clericalismo matou o que havia de vida em Aristóteles e perpetuou o que nêle havia de morto” (Ph N, 295).

A dialética e a Lógica supõem e completam-se mutuamente — não se digladiam nem se excluem. Nenhuma lei da dialética nega cânone algum da lógica formal. Em particular o princípio (lógico e gnosiológico) de contradição subsiste dentro de todo o movimento dialético. Não é, pois, a dialética o grande sorvedouro ou abismo em que se possam jogar tôdas as dificuldades e contradições incômodas — tampouco é arma universal com a qual alguém possa libertar-se das dificuldades que se acoimem de dialéticas.

III — Os reflexos na Democracia

Colhamos os resultados do exposto. Limitemo-nos à consideração do salto, da *ruptura da continuidade*, da *destruição do velho e da origem do novo* com algumas decorrências emanadas destes pontos.

O salto. Que é a revolução socialista e comunista? “Tôda revolução significa uma reviravolta brusca na vida das grandes massas do povo” (25, 205). Noutra fórmula: A revolução é o “destruir da velha superestrutura e a entrada independente de diversas classes que a seu modo tentam erigir nova superestrutura” (8, 191).

Destruição do velho. Sirvam de ilustração as seguintes palavras de Lenine: “Os operários, depois de terem conquistado o poder político, quebrarão o velho aparelho burocrático, o demolirão até seus fundamentos, não deixando pedra sobre pedra e o substituirão por um novo aparelho compreendendo estes mesmos burocratas, tomar-se-ão medidas minuciosamente estudadas por Marx e Engels: 1. não somente elegibilidade, mas também revogabilidade a qualquer momento; 2. salário que não será superior ao do operário; 3. adoção

imediate de medidas a fim de que *todos* preencham as funções de controle e de fiscalização, que *todos* se tornem por algum tempo ‘burocratas’, e para que assim *ninguém* possa vir a ser ‘burocrata’ (25, 452 — Vit, 134).

Ruptura da continuidade. O homem tem de acomodar-se à situação. Isto não contradiz ao Materialismo Histórico nem ao determinismo. “Que o entusiasmo revolucionário da classe adiantada é capaz de *muita coisa* em circunstâncias nas quais a situação objetiva *exige* medidas radicais a todo o povo, não há mister se demonstre (...).

“É importante compreender que a situação objetiva em tempos revolucionários muda tão rápida e bruscamente como a vida em semelhantes épocas em geral pulsa rapidamente. Nós devemos *saber acomodar* a nossa tática e as nossas tarefas às *peculiaridades* de cada situação dada” (23, 322). São palavras de Lenine:

“Avante, haja trabalho objetivo e prático capaz de contar com a peculiaridade da situação atual e das suas tarefas”. (33, 7). Deve-se alterar a ordem histórica: “Em que livros lêstes que semelhantes modificações da ordem histórica habitual são inadmissíveis ou impossíveis?” (33, 439). Deve-se finalmente evitar uma situação. “A nós não nos interessa a inevitabilidade da vitória final do socialismo. A nós nos interessa a tática que nós, o Partido Comunista da Rússia, nós, o Poder Soviético da Rússia, temos de seguir, para impedir que os estados contra-revolucionários ocidentais nos esmaguem” (33, 458).

Há necessidade de agir. Os imperialistas internacionais conjuram-se contra a Revolução Soviética e avançam cada vez mais. “Isto é o que agrava sobremodo a crise da revolução socialista mundial, o que torna todo atraso da insurreição particularmente perigoso — inclino-me a dizer criminoso da nossa parte” (26, 155). Nas vésperas da Revolução de Outubro a expressão de Lenine torna-se mais forte: “Não teria medida o crime dos revolucionários, se deixassem passar o momento, embora soubessem que a ‘salvação da revolução’, a proposta de paz, a salvação de Petrogrado, a salvação da

fome, a entrega das terras aos camponeses dependem deles" (cfr. 26, 204).

Eis por que não de ser empregados os métodos de agitação e propaganda. Pois "idéias convertem-se em forças, tão logo empolguem as massas" (26, 104). Abandonar o ponto de vista da agitação equivaleria a não desenvolver a consciência e as exigências da massa trabalhadora e camponesa, mas oprimir, abafar e extinguir ambas, pregar a paz social (cfr. 13, 50).

A agitação não escrupuliza em zelar pela boa reputação do próximo, tampouco se preocupa com examinar se uma revolta é justa ou não, mas, "combinando um órgão local de imprensa com um pan-russo, qualquer labareda de revolta e qualquer demonstração seriam de todos os lados discutidas e comentadas até os confins da Rússia, e desta maneira despertariam o desejo de não ficar atrás dos outros, de proceder melhor do que os outros (...)" (5, 474).

Todo o povo será armado. "O proletariado... querendo afirmar e transmitir as conquistas da revolução, querendo conquistar paz, pão e liberdade, deve 'quebrar', para usar as palavras de Marx, esta máquina estatal 'montada' e substituí-la por outra, em que polícia, exército e burocracia estejam fundidos numa única unidade com o povo armado até o último homem" (23, 317).

E a greve, talvez a mais revolucionária das armas do proletariado? (cfr. MUST, 91) Não servirão a agitação e a propaganda à greve?

E a Filosofia? "O Marxismo e a Filosofia marxista transmitem a milhões de adeptos do Partido Comunista o conhecimento das leis da revolucionária modificação." (*Grundlagen der marxistischen Philosophie*, 64).

O problema da ditadura do proletariado é o problema básico do moderno movimento dos trabalhadores em todos os países capitalistas sem exceção. A fim de alcançar plena clareza sobre o problema, é mister conhecer-lhe a História. Em escala internacional a História da doutrina da ditadura revolucionária em geral e a da ditadura do proletariado em especial coincide com a História do Marxismo. Além disto

a História de todas as revoluções das classes oprimidas e exploradas contra os exploradores forma — evidentemente o mais importante — o material e a fonte principal do nosso saber no problema da ditadura. Quem não compreendeu que, para vencer, cada classe revolucionária deveu criar a sua ditadura, ou não compreendeu ou não quer compreender nada da História das revoluções (31, 332).

Que é a ditadura? É "uma grande palavra. E grandes palavras não têm de dizer-se ao vento. A ditadura é um poder férreo que opera com ousadia e rapidez revolucionárias, que nada poupa a fim de esmagar tanto os exploradores quanto os desordeiros". E noutro lugar: "Precisamente uma ditadura tal, i. é, um poder não apoiado na lei, e sim na violência das massas populares armadas, e isto precisamente das ditadas classes, formam o soviete de Petrogrado bem como os outros sovietes locais dos deputados dos trabalhadores e soldados" (24, 44).

Entoando um hino à violência, Lenine disse em 1905 e em 1920:

"Sòmente pela violência resolvem-se grandes problemas na vida dos povos. As classes reacionárias são ordinariamente as primeiras a recorrer à violência..." (31, 338). No conjunto da violência devem ser colocadas as palavras: "O desarmamento é um ideal do socialismo. Na sociedade socialista não haverá guerras e conseqüentemente o desarmamento será uma realidade. Mas não é socialista quem espera que o socialismo seja realizável sem revolução social e sem ditadura do proletariado. Ditadura é poder estatal, apoiado imediatamente na *violência*. Na época do séc. 20 — como em geral na época da civilização — violência não é o punho nem o cacete, mas o 'exército'. Introduzir no programa o 'desarmamento' equivaleria a dizer: Somos contra o emprêgo das armas. Isto não é marxista, como o não seria dizer: somos contra o emprêgo da violência!" (23, 92).

Ainda menciono a teoria relativa à democracia marxista. A revolução russa processa-se "num tempo em que o proletariado já principiou a tomar consciência de si como de classe especial e a unir-se em organização classista autôno-

ma. Sob tais condições o proletariado vale-se de tôdas as conquistas da democracia, vale-se de todo passo da liberdade, para robustecer a organização de classe contra a burguesia" (12, 411). Mais tarde: "Sôbre o aproveitamento da democracia burguesa, para organizar o socialismo e conseqüentemente a democracia do proletariado contra a burguesia e contra o oportunismo — não há outro caminho. Outra 'saída' não o é. O Marxismo não conhece outra saída, como a não conhece a vida real" (23, 15).

Democracia é uma das formas do Estado burguês, a favor da qual se empenham todos os traidores do verdadeiro socialismo (26, 430).

Referindo-se à opinião pública, Lenine deixou estas palavras:

"Não queremos mistérios. Queremos que o govêrno continuamente esteja sob a vigilância da opinião pública" (26, 222).

No que concerne à crítica, lemos em Lenine:

"Há muito êste grupo tem o direito de criticar livremente. Agora perguntamos na Assembléia do Partido: Onde estão os resultados, o conteúdo da crítica, os ensinamentos advindos ao Partido através das suas críticas?" (32, 177). Lenine disse aos seus opositores, sem rebufos, "que não fica bem ao comunista criticar tão infundadamente e acusar tão sumariamente a CC, sem aduzir um fato sequer, sem declinar um nome, (...)" (31, 407). Em outro passo de Lenine encontramos o pronunciamento dêle sôbre a oposição: "A oposição, fenômeno de transição, seguramente tem cerne bom, quando, porém, se converte em oposição pela oposição, deve ser abolida incondicionalmente" (31, 397).

Conclusão

Antes de inventariar os resultados da nossa busca, lembremos as palavras de Engels aduzidas por Lenine:

"O único que subsiste da Filosofia antiga é 'a teoria do pensamento e as suas leis, a Lógica formal e a dialética'. É a dialética, tal como a concebe Marx e a formula Hegel, engloba o que hoje se chama Teoria do Conhecimento ou Gnosiologia (...)" (21, 38).

Os principais resultados do estudo podem sintetizar-se nos seguintes pontos:

- 1 — A matéria é o corpo da teoria marxista — um dos fundamentos essenciais.
- 2 — A dialética é a alma da teoria marxista — outro fundamento essencial.
- 3 — A teoria econômica do Marxismo e o Materialismo Histórico em última análise são construções levantadas sôbre os dois fundamentos essenciais.
- 4 — A fonte do automovimento encerra uma antinomia.

A dificuldade do problema ou da antinomia "fonte do automovimento" não consiste em "deslocar a fonte do automovimento para fora — Deus, sujeito etc." ou para dentro dêle (automovimento) ou em dirigir a atenção "precisamente sôbre o conhecimento da fonte" do *auto*-movimento, mas na existência da fonte, da força propulsora, do motivo do automovimento.

Ou fonte — ou *automovimento*

Não fonte — e *automovimento*

Ou força propulsora — ou *automovimento*

Não força propulsora — e *automovimento*

Ou motivo — ou *automovimento*

Não motivo — e *automovimento*.

Se há fonte do movimento, êste promana ou sai daquela e deixa de ser ou não pode ser nem nunca foi *automovimento*. A fonte do movimento necessariamente está fora dêle.

Semelhantemente o *movimento eterno* não pode ter fonte, mas sômente pode ser fonte.

Bibliografia *

- V. I. Lenin, *Socinenija* (Obras), Moskva, 1941-1951 4 **
- V. I. Lenin, *O Estado e a Revolução*, Vitória Ltda., Rio de Janeiro, 1961. (Citaremos Vit).
- V. Lenin, *Marx-Engels-Marxismo*, Editorial Progresso Moscú, sem ano.
- F. W. Konstantinow (Leiter) etc. *Grundlagen der Marxistischen Philosophie*, Dietz Verlag, Berlin 1964, 79 — Nach d. 2. ... russ. Ausg. *Osnovy Marksistskoj Filosofii*, Moskva, 1963).
- O. V. Kuucinen etc. *Fundamentos do Marxismo-Leninismo*, trad. do original russo *Osnovy Marxizma-Leninizma*, Moskva, 1959, de Jacob Gorender e Mário Alves, Rio de Janeiro de 1962, 58 (abreviamos FML).
- Fundamentals of Marxism-Leninism*, Second Revised Edition, Moscow, 1963, Edited by Clemens Dutt, Translated from the Russian.
- W. I. Lenin, *Marxismus und Staat*, (*Marxismo e Estado*) Dietz Verlag, Berlin, 1960. (Abreviamos MUST).
- W. I. Lenin, *Aus dem Philosophischen Nachlass* (*Legado Filosófico*), *Exzerpte u. Randglossen*, Dietz Verlag, Berlin, 1961. (Abreviamos Ph N).
- V. I. Lenin, *Materialismo e Empiro-criticismo*, Editôra Leitura S. A., Rio de Janeiro, 1965.
- Affonso Urbano Thiesen, *Lenins Politische Ethik Nach den Prinzipien seine Politischen Doktrin, Eine Quellenstudie* (*A Ética Política de Lenine Segundo os Princípios de Sua Doutrina Política, Estudo das Fontes*). Verlag Anton Pustet, München, 1965.

* Valemo-nos das traduções inglesa, francesa, italiana, alemã e espanhola das obras completas ou de tratados impressos em separado das obras de Lenine. (*Nota do Autor*).

** 25, 376 representa o volume 25, p. 376 da 4ª edição russa.